



**Revista Angolana de Sociologia**

8 | 2011  
Subculturas juvenis

---

## Brincadeiras de crianças de S. Tomé e Príncipe: construção de um estudo em Sociologia da Infância

*Playful lives of São Tomé and Príncipe's Children: Building a research on  
Sociology of Childhood*

**Sandra Marlene Barra**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/586>

DOI: 10.4000/ras.586

ISSN: 2312-5195

### Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

### Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2011

Paginação: 171-187

ISSN: 1646-9860

### Refêrencia eletrónica

Sandra Marlene Barra, « Brincadeiras de crianças de S. Tomé e Príncipe: construção de um estudo em Sociologia da Infância », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 13 dezembro 2013, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/586> ; DOI : 10.4000/ras.586

---

# Brincadeiras de crianças de S. Tomé e Príncipe: construção de um estudo em Sociologia da Infância

Sandra Marlene Barra<sup>1</sup>

“No princípio era a pergunta.”  
Bachelard



## Resumo

No presente artigo pretende-se dar conta do percurso de construção de um design metodológico em Sociologia da Infância e dos pressupostos que fundamentam a escolha da metodologia de investigação, evidenciando como essa escolha está definitivamente relacionada com a natureza da questão geradora: *nas brincadeiras e brinquedos que usam as crianças africanas, como se reflectem as premissas de um mundo globalizado ou de uma “criança global”?*

A operacionalização deste questionamento, previamente contextualizado e fundamentado teoricamente, elucidará sobre a tipologia do estudo a empreender e orientará a estruturação do design metodológico, desde a identificação das informações a obter, contextos de recolha dessa informação, selecção dos instrumentos de recolha de dados e formas de audição dos sujeitos envolvidos, assim como dos processos de análise dos dados. Finalmente e justamente pela natureza da questão primeira, avança-se inevitavelmente um pouco sobre o apontamento de acções e atenções éticas que permearão as práticas metodológicas no estudo que se pretende.

## Palavras-chave

Sociologia da Infância, investigação, metodologia, questão geradora.

•

1. Bolsa de Investigação no âmbito do QREN – POPH – Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES com a referência: SFRH / BD / 71978 / 2010.

## Introdução

O presente artigo pretende contribuir para a divulgação de reflexões preliminares no âmbito das tarefas preparatórias de investigação em Sociologia da Infância, pluralizando os veículos de informação e possíveis interlocutores, contribuindo para alargar a discussão sobre as dinâmicas dos estudos da criança. Com o objectivo último de dar conta do percurso de construção de um design metodológico em Sociologia da Infância e dos pressupostos que fundamentam a metodologia de investigação, atentaremos na questão (a sua natureza, contextualização e operacionalização) como elemento basilar de um percurso, estruturante de um projecto e definitivamente recursivo no processo de investigação. Esta ideia-chave, sugerida por Maria do Céu Roldão no âmbito das Conferências Doutorais realizadas em Fevereiro de 2011 na Universidade do Minho sobre metodologias de investigação, é aqui também assinalada centralmente.

Numa primeira parte deste artigo tenta-se elucidar como surge primordialmente essa mesma questão para a investigadora esclarecendo o seu posicionamento teórico e como a sua natureza faz luz sobre o trajecto a seguir. Seguidamente pretende-se a contextualização teórica da questão geradora, informada já pela sua natureza, procurando esclarecer como é assim projectada a construção do design metodológico. De seguida daremos conta da operacionalização da questão, que de acordo com a sua natureza agora contextualizada, elucida sobre a tipologia do estudo a empreender e auxilia na estruturação do design metodológico: desde a identificação das informações a obter; contextos de recolha dessa informação; selecção dos instrumentos de recolha de dados e formas de audição dos sujeitos envolvidos; assim como dos processos de análise dos dados. Finalmente, e justamente pela natureza da questão primeira, avançaremos inevitavelmente um pouco sobre o apontamento de acções e atenções éticas que permearão as práticas metodológicas no estudo que se pretende.

## A questão primeira

Para situar a questão e o seu surgimento, será importante informar o contexto da formação académica e percurso profissional da investigadora. A sua formação base em educação de infância iniciada em 1992, com posterior especialização e licenciatura em metodologia e supervisão em educação de infância e básica inicial é realizada numa das escolas mais ambiciosas no círculo dos estudos da criança em Portugal — o Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. A influência das linhas de orientação dos programas head-start, nomeadamente a formação em contexto no âmbito do currículo High-Scope que se baseia na teoria do desenvolvimento de Piaget, a ideia de construtivismo social de Vygotsky e a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg são em suma os referentes teóricos na época da sua formação académica em estudos da criança e posteriormente na sua prática profissional em educação de infância.

As ideologias emergentes naquela década, no âmbito da Sociologia da Infância, levam-na a integrar o primeiro curso de mestrado em Sociologia da Infância e auxiliam-na a interrogar as imagens

tradicionais da criança e da educação, colaborando decisivamente para a desconstrução do paradigma tradicional da infância como fase natural e universal da vida e das crianças como objectos passivos da socialização adulta: a Infância é vista como uma construção social e as crianças como actores sociais de pleno direito. No contexto de um mundo globalizado, em que as tecnologias de informação e comunicação intervêm na modificação dos mundos sociais e culturais da infância, escolhe como objecto da sua dissertação de mestrado as interações da criança com a tecnologia, nomeadamente a internet [Barra 2004].

A afirmação da criança como actor social prioriza a análise da acção da criança e o princípio da construção social da infância entende-a como variável de perspectivas históricas, culturais e sociais e sujeita a processos de negociação. Desse estudo nascem então outros questionamentos, tendo sido colocada em relevo a questão da homogeneização da infância e neste contexto o surgimento da criança global [Barra 2004]. É então no prosseguimento dos seus estudos e, presentemente, no âmbito do doutoramento em Estudos da Criança que a investigadora formula a questão basilar do projecto que pretende levar a cabo, formulando a questão primeira: *Nas brincadeiras e nos brinquedos que usam as crianças africanas, como se reflectem as premissas de um mundo globalizado ou de uma “criança global”?*

## A questão contextualizada

Considerando que “o referencial teórico de um pesquisador é um filtro pelo qual ele enxerga a realidade, sugerindo perguntas e indicando possibilidades” [Fazenda 1989: 25], contextualizaremos teoricamente a questão geradora avançando com os pressupostos fundamentais em que assenta o presente projecto de estudo.

No âmbito da Sociologia da Infância, falar da infância na sociedade contemporânea implica atentar no percurso das representações históricas que nos permitem situar o “surgimento” desta categoria social. A construção da infância é o resultado de um longo e complexo processo: de representações produzidas sobre as crianças, de reestruturação dos lugares que ocupa no dia-a-dia, das formas de vida evidenciadas e muito especialmente das modificações das estruturas familiares e da mobilização de organizações sociais ou institucionais para as crianças.

Poderemos afirmar que a segunda modernidade contribuiu muito para as alterações dos significados da infância como categoria social e das crianças tidas como actores sociais, e que o objecto de estudo da infância como categoria social de tipo geracional se inscreve num universo de contínuas transformações.

Mais recentemente, o conceito de socialização da criança é objecto de crítica e revisão teórica, sendo percebido como um processo de reprodução interpretativa da realidade social, no qual as crianças interferem quer na apropriação da cultura, quer na produção dessa cultura e, nesse processo, para a modificação da realidade social em que se inserem. Nesta abordagem interpretativa da socialização na infância [Corsaro 1990] não se considera que a criança simplesmente imita os comportamentos

adultos por interiorização de normas, valores e condutas de determinada cultura ou sociedade. Considera-se, sim, que as crianças são agentes activos e criativos no exercício da sua actividade social, transformando e reproduzindo de formas diversas a realidade que a envolve, negociando com os adultos e os seus pares e desenvolvendo novas formas comunicacionais, linguísticas, de discurso e de acção que são acrescentadas na cultura adulta dominante [Buckingham 2002].

A infância como categoria social geracional e as crianças como actores sociais têm sido objecto de pluralização e heterogeneização ainda maior na segunda modernidade. O paradigma tradicional da infância, que a vê como uma mera fase da vida do indivíduo, passivo e objecto de socialização pela ordem social adulta estabelecida, não faz mais sentido nos tempos em que vivemos. Assiste-se à emergência de um novo paradigma de infância, que tem como base os pressupostos de que a infância é uma construção social e uma variável da análise social que deve ser compreendida em relação com as outras variáveis sociais. A infância é também um fenómeno relacionado com a *dupla hermenêutica* das Ciências Sociais [Giddens 1998], pois que o proferir da sua novidade implica o envolvimento no processo de reconstrução da infância na sociedade. Ao mesmo tempo, a criança adquire progressiva e firmemente o seu estatuto de activo cidadão na (re)construção dos seus mundos sociais, constituindo-se ela própria o fulcral centro de interesse assim como as suas culturas e relações sociais. A criança deve, por isso, ser “levada a sério” e é reconhecido o seu direito à expressão nas múltiplas formas em que ela o pode e sabe fazer — *I Cento Linguaggi dei Bambini*<sup>2</sup>. Já não são postas em causa as capacidades de produção simbólica das crianças, pois elas estão espelhadas nas suas práticas e representações e a estas dá-se o nome de cultura, que é própria nos saberes, fazeres e sentires e organizada nos meios de interacção social entre pares que geram, afinal, os modos de ser criança ou os mundos da infância. Paralelamente este novo paradigma de infância revela o grande interesse no estudo sociológico da criança através da reinvenção dos métodos e técnicas clássicos, de forma a perscrutar com mais proximidade as realidades do mundo infantil e das formas de vida das crianças, mas sobretudo *escutar as suas vozes* de forma mais fidedigna. A infância não significa *o negativo da adulez* e a criança tida como sujeito activo da sociedade implica que se mude o *centro de gravidade*, ou seja, a infância não deve ser *construída de fora*, como algo exterior ou *coisa acabada*, ela deverá (re)construir-se através da perspectiva do actor social que é a criança e dos significados que ela atribui às situações que vive, numa dimensão própria e no contexto histórico, social e cultural sempre actualizado e que a (re)definem [Almeida 2000: 17]. Ultrapassado o paradigma tradicional da infância, que vê as crianças como objecto de socialização passiva, as crianças são hoje reveladas como intérpretes, (re)construtoras e veiculadoras dos seus próprios mundos sociais e culturais, cujas vozes urgem fazer-se ouvir interna e simultaneamente externas à Europa [Sanchez 2005].

No protagonismo das crianças como actores sociais revelam-se também as especificidades da sua cultura e a sua identidade cultural, pois as crianças são capazes de fazer passar entre gerações de crianças e fazer perdurar pelos tempos uma bagagem cultural que não é do domínio dos adultos [Sarmiento

•  
2. Segundo Loris Malaguzzi e a filosofia da *Escola de Reggio Emilia* — Itália.

2004]. As culturas da infância emergem nas práticas sociais quotidianas das crianças, são reelaboradas nas práticas sociais e culturais transmitidas pelos grupos de crianças mais velhas e são sempre imbuídas de significações, ajustadas historicamente [Sarmiento 2000a] ou seja, de acordo com Clifford Geertz falamos de “padrões de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas actividades em relação à vida” [Geertz 1989: 103].

De forma sem precedentes, as crianças são afectadas por condições de desigualdade na distribuição da riqueza, no acesso a meios básicos de saúde, subsistência e sobrevivência. As crianças existem em maior número por todo o mundo e são também o grupo geracional mais afectado por todas as problemáticas que a sociedade moderna encerra. Desde a fome, doença, rejeição, abandono, maus-tratos, utilizada como mercadoria comercial, como objecto sexual, até às situações em que as crianças constituem os elementos de desestabilização da vida dos adultos na família, na escola ou no círculo social onde além de vítimas elas passam também a vitimadoras [Sarmiento 2001]. Paralela e paradoxalmente na actualidade, a ideia de infância sugere o tempo em que a criança deve ser objecto de cuidados, carinho e atenção, o tempo em que os seus direitos devem ser cumpridos para que impere a felicidade, o tempo que deve ser recordado como o tesouro de cada indivíduo. A criança é hoje um projecto de vida onde o seu nascimento é devidamente planeado e desejado, o seu futuro previsto e acautelado, a sua existência garantida e protegida. A criança significa hoje, no senso comum, o futuro do mundo e a continuidade entre gerações, sendo amada e respeitada como criança em cada etapa da sua existência, pela sua especificidade. Estas duas posições delineiam a condição social da criança na modernidade e exprimem os paradoxos da infância contemporânea [Qvortrup 1991], porque apesar de distintas, todas as infâncias são pertença de crianças e o ser criança confere-lhe a identidade. Essa identidade revela-se no seu estatuto social, face aos direitos adquiridos e reconhecidos, nos factores sociais que condicionam as suas formas de existência.

O mundo globalizado trouxe consigo diferentes realidades de espaço-tempo, quer para o dia-a-dia das crianças, na dinâmica das suas famílias, no universo escolar e na sua relação com os conteúdos e interacções com os meios de informação e comunicação e na própria condição de ser criança. Este processo de globalização hegemónica mostra-nos, paradoxalmente, que falar da infância ou de uma infância é insuficiente. O discurso sobre a infância implica que tomemos a realidade como a realidade dos mundos da infância, pois ela comete-se num processo de acentuação de assimetrias dentro deste grupo social, apesar de global [Sarmiento 2000a].

Pode-se considerar que a infância contemporânea incorre ainda (e talvez sobretudo) em mutações sociais e culturais, tal como em outras épocas, mas com a grande diferença delas surgirem hoje no contexto de um mundo globalizado e de mudanças significativas e velozes. Tomada a infância como construção social, estruturada num determinado tempo e lugar, discurso científico e histórico, implica tomar em conta as realidades dos mundos da infância na contemporaneidade de globalizações em curso. “A criança global ou a emergência de uma cultura global continua a ser objecto de discussões e controvérsias” [Barra 2004: 51]. A pretensão no presente projecto de estudo é “a deslocação das crianças da margem para o centro da discussão sobre a globalização” [Tomás

2006: 52], pois será premente um “investimento no estudo e análise dos efeitos que os processos de globalização têm sobre elas (as crianças) e a forma como respondem e reinterpretam esses mesmos impactos” [Tomás 2006: 52].

O exame deste processo de reprodução interpretativa no seio da cultura de pares [Corsaro 1997], constitutivo da identidade individual da criança e do estatuto social da infância, é um dos desafios da Sociologia da Infância. O mundo das crianças apresenta-se hoje, talvez mais do que nunca, como um mundo heterogêneo, pelo que se opta por falar em mundo(s) da(s) infância(s). As crianças estão em contacto com diversas realidades das quais são absorvidos e reinventados os valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social, através da sua família, das relações escolares, das relações de pares, das relações comunitárias e das interações estabelecidas, mas sobretudo através do cruzamento que a criança faz incessantemente entre todos esses domínios. E será nesta interação que as crianças, “ao agir, inscrevem o seu saber no contexto social e são também produtoras de práticas culturais” [Pinto 1998: 92]. As culturas da infância radicam na cultura dos adultos e dela fazem parte, mas apresentam características diferenciadoras e alternativas, pelo facto de se inscreverem num grupo etário determinado. Segundo Raul Iturra [1997: 25], “o real adulto apresenta-se pouco fácil de entender na infância, visto que “a criança vê os resultados da acção, não entende o propósito nem a causa” e a criança é então “forçada” a criar estratégias que lhe permitam lidar com essa realidade, “reinventando-a” [Iturra 1997: 22]. Esta aprendizagem e expressão cultural que se gera é eminentemente interactiva e, importa sublinhar sobretudo, pois as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços e tempos de partilha comum uma *cultura de pares*. Entendendo por pares o grupo de crianças com as quais esta partilha o mesmo espaço em regime de habitualidade, William Corsaro [1997: 114] dá-nos a seguinte definição de cultura de pares: “um conjunto de actividades ou rotinas, artefactos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interacção com os seus pares”. A cultura de pares será assim fundamental para a criança, pois através dela é realizada a apropriação, reinvenção e reprodução do mundo que a cerca.

Para outros autores [James *et al.* 1998, Jenkins 1998], as culturas da infância significam algo mais que a cultura de pares, constituindo-se como uma subcultura que faz parte integrante das culturas sociais. Concordando com o facto de que as culturas da infância radicam na cultura dos adultos, estes autores sublinham as suas especificidades provenientes do facto da infância existir sempre, embora as crianças deixem de ser crianças um dia. As crianças, ou o grupo social de tipo geracional, existirão temporalmente e continuarão a partilha de conhecimentos que serão transmitidos de uma geração de crianças para a seguinte geração. Amélia Frazão Moreira diz-nos que “as crianças constroem e transmitem entre elas saberes que não têm sentido ou reconhecimento por parte dos adultos. . . as suas brincadeiras são como formas de reinventar o real adulto” [Moreira 2000: 265]. Concordando também com Raul Iturra, diríamos que “a infância organiza grupos de jogo para sair do real que não entende e para andar dentro dos seus próprios conceitos e leis de entendimento do que a vida é” [apud Moreira 2000: 265]. Assim se compreenderá plenamente que as crianças continuem a recorrer a jogos e estratégias de enfrentar o real muito específicas, e que possuam ideias face a determinadas questões que já foram usadas por muitas gerações de crianças, há muito tempo atrás.

Compreender as culturas da infância desligadas das interações com o mundo dos adultos não é profícuo, pois que a interação entre estes dois mundos é contínua e inegavelmente produtora de formas de dominação dos adultos sobre as crianças e tem como meio de expressão a utilização pelos adultos de meios de configuração dos mundos específicos da criança, a partir dos elementos característicos das culturas infantis. Alguns estudiosos da infância como Denzin [1977], Corsaro [1997], James *et al.* [1998], Prout [2000] e Sarmento [2004] sustentam a autonomia das formas culturais da infância, alegando que as formas culturais da infância se desenvolvem de modo específico, através de uma comunicação intra e inter-geracional. Para aqueles autores, as culturas da infância são possuidoras de dimensões relacionais que se constituem nas interações de pares e nas interações das crianças com os adultos, que estruturam, por sua vez, formas e conteúdos representacionais distintivos [Sarmento 2004].

Ao mesmo tempo que as crianças como actores sociais exprimem a cultura onde se inscrevem, levam também a cabo a veiculação de formas infantis de ser e estar no mundo, formas essas distintas da infância e da cultura da infância. O conceito de Culturas da Infância constitui-se como fundamental na distinção da categoria geracional da infância e revela-se na acção concreta das crianças no tecido social, que produzem práticas e representações específicas no contexto comunicacional das relações sociais inter e intra-geracionais. Segundo Manuel Sarmento. [2004: 13], “a inventariação dos princípios geradores e das regras das culturas da infância e a análise dos processos de recepção e de produção cultural das crianças são fundamentais para a compreensão da infância”. São quatro os “eixos estruturadores das culturas da infância: interactividade; ludicidade; fantasia do real e reiteração” [Sarmento 2004: 13], que orientam a reprodução interpretativa do mundo pelas crianças, onde se cruzam as culturas locais (re)produzidas e a cultura global que emerge.

Escolhendo como porta de entrada para o universo infantil a análise das práticas e significados relacionados com a brincadeira e os brinquedos utilizados, aproximamo-nos das culturas da infância entendidas como construção sistematizada dos modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção [Sarmento 2003]. A brincadeira é chamada por Gilles Brougère [1995], interação lúdica no sentido de uma interação informal da criança, espontânea, incerta e não sujeita a regras pré-estabelecidas, nem obediência a qualquer regra ou modelo. Durante o seu crescimento, a criança exercita diversas experiências lúdicas que lhe permitem aplicar os seus saberes e competências na apreensão da realidade e vai bebendo do seu entorno social as informações que há-de interpretar e (re)produzir nas suas brincadeiras. As brincadeiras e os brinquedos são na contemporaneidade atravessados pela kindercultura [Steinberg 1997], pela ideia da homogeneização das suas práticas e dos seus instrumentos, na mão de uma criança global, no seio dos processos de globalização.

No presente projecto de pesquisa, a proposta será mergulhar no quotidiano lúdico das crianças naturais de São Tomé e Príncipe, na tentativa de perscrutar um dos mundos sociais e culturais da infância e revelá-lo na voz das próprias crianças. Através da observação e análise das práticas e dos significados relacionados com a brincadeira e o brinquedo nos contextos de vida das crianças procurar-se-á esclarecer como as culturas daquelas crianças, na sua génese e estrutura, estão imbricadas no contexto



ainda mais amplo de uma globalização em curso, ou seja, como se reflectem nas brincadeiras e nos brinquedos que usam as crianças africanas as premissas de um mundo globalizado ou a acção de uma criança global.

## A questão operacionalizada

Situada a questão teoricamente neste sumário estado da arte, estaremos em condições de avançar para a enunciação de três questões orientadoras do percurso investigativo, tendo em mente a operacionalização subsequente:

- De que formas se exprimem os efeitos das globalizações em curso, que chegam nomeadamente através dos projectos implementados por ONGs no terreno e pela penetração das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, nas brincadeiras e brinquedos utilizados pelas crianças em meio rural e urbano no distrito de Água Grande, em São Tomé e Príncipe?
- Qual o impacto da globalização cultural na génese e regras das culturas da infância e qual o impacto nos processos de recepção e (re)interpretação dos produtos culturais pelas crianças evidenciado nas brincadeiras e nos brinquedos utilizados pelas crianças em São Tomé e Príncipe?
- Quais as mensagens e produtos “globalizados” que recebem as crianças santomenses, de que formas os recebem, interpretam, utilizam e veiculam nas suas brincadeiras e na escolha e uso dos brinquedos, e como operam enquanto agentes de comunicação intrageracional e intergeracional?

A formulação destas questões permite-nos agora a demarcação paradigmática da tipologia do estudo a empreender. Tendo como referencial as ciências humanas, pretende-se apontar uma trajetória que possibilite a visualização ou desconstrução de uma realidade, recusando os essencialismos, interrogando sobre aquilo que se afirma verdadeiro e formando um pensamento crítico que percebe o conhecimento como fabricado pelo homem, passível de erros, que se modifica por meio das culturas, das práticas sociais e da própria história, numa fluidez temporal de seres e saberes.

## Tipologia do estudo

Nesta perspectiva e para o presente plano de investigação, a informação perseguida nos contextos de vida das crianças será produzida pelas descrições num plano de pesquisa qualitativa, ou seja, como teorizado por alguns autores [Bogdan & Biklen 1982; Lüdke & André 1986:11]:

*(i) ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; (ii) coletar dados predominantemente descritivos; (iii) ter maior atenção ao processo que com o produto; (iv) o processo de análise tende a ser indutivo, sendo que ‘os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos.*

Tendo em conta a perseguição de respostas para o presente projecto de investigação, será acertado optar pela vigilância à realidade que flui e não ao que eventualmente se instituiu, pela compreensão dos mecanismos de interacção em vez de se procurarem as dicotomias, tendo em conta a multiplicidade em vez da resposta única, optando por valorizar um processo que se vai regulando e não o produto final encaixado num regulamento. A pesquisa qualitativa é um meio fluido, vibrante e vivo impossível de ser resgatado por normas pré-fixadas, não havendo modelos fixos, nem normalização absoluta e também sem a segurança estática dos tratamentos numéricos e do suporte rígido exacto. A investigação decorrerá num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos e esta realidade será estudada num contexto de descoberta, um processo que ocorre por dedução analítica, fundamental nos estudos qualitativos [Lessard-Hébert et al. 1990].

Esta interpretação-compreensiva será levada a cabo com o auxílio de uma descrição densa sugerida por Geertz [Geertz 1978], ao invés de metodologias mais quantitativas, que objectivam a explicação mecânica e generalizante dos fenómenos. Essa aproximação à realidade é fulcral pela necessidade de a compreender nas suas múltiplas facetas, mas o investigador deverá ser capaz também de se distanciar pelo cuidado metodológico exigido no registo e posterior análise dos dados. Este exercício de aproximação e distanciamento configura-se como absolutamente fundamental na investigação que se pretende desenvolver pois trata-se de buscar respostas numa realidade desconhecida para o pesquisador, implicando que factos, acontecimentos, acções e interacções sejam sempre observados nos seus vários ângulos, evitando que pré-conceitos interfiram no processo. Para apreender as informações pretendidas o pesquisador terá necessidade de se envolver nessa realidade e com os sujeitos veículos dessa informação, desde logo na realização de um trabalho exploratório levando a cabo conversas informais, observações das acções e conflitos, sinalização e informação dos actores internos e externos envolvidos na problemática da pesquisa.

A abordagem qualitativa de pesquisa, como opção metodológica, centrar-se-á assim naquilo que se considera uma abordagem ou construção etnográfica no âmbito do paradigma interpretativo-compreensivo. O objectivo será reflectir sobre os sistemas de significado, o modo como organizamos o nosso pensamento, actos ou a cultura em relação aos outros [Lessard-Hébert et al. 1990], ou seja, apreender os significados da interpretação dada pelos sujeitos em estudo às suas acções, para desta forma se compreenderem (e interpretarem) as acções manifestadas por eles. Ora, no caso do estudo que se pretende empreender, a investigação ocorre sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos e que por sua vez fazem parte de um universo cultural que tem toda a legitimidade de ser estudado pelo investigador num contexto de descoberta. O objectivo não será a prova de algo, o credibilizar de posições, a validação de conhecimentos ou o alcançar generalizações, mas a focalização num processo que se desenrola por indução analítica, deveras relevante nos estudos qualitativos [Lessard-Hébert et al. 1990]. Inscrever-se-á a pesquisa numa abordagem ou construção etnográfica no âmbito do paradigma interpretativo compreensivo [Geertz 1978], com o objectivo de apreender os significados atribuídos pelas crianças em estudo às suas acções, para desta forma se desvendarem as suas brincadeiras e interpretarem os usos dos brinquedos no seio de processos de globalizações. Esta abordagem etnográfica encontra apoio num dos aspectos-chave

do paradigma de investigação sociológica da infância apresentados por Prout e James [Prout & James 1990 *apud* Sarmiento 2008:9]:

Os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância. Eles transportam uma voz e participação mais directas na produção dos dados sociológicos do que é usualmente possível através de métodos experimentais de pesquisa ou de inquéritos

Realizar uma pesquisa etnográfica com crianças é uma possibilidade que Graue e Walsh [2003:22] defendem, pela importância de que os investigadores “pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real”, como é o caso. A Sociologia da Infância estimula a aceção das crianças como actores que criam a sua própria cultura e modificam as culturas adultas e assim temos as crianças como interlocutores privilegiados e capacitados para nos informar acerca das suas criações e negociações, às quais acederemos por meio de metodologias que realmente escutem as suas vozes, revelem as suas experiências e exponham os seus pontos de vista [Muller & Delgado 2005]. A abordagem que configura o presente projecto de investigação insere-o no âmbito dos estudos micro-sociológicos e etnográficos – caracterizados pela assumpção nuclear do agir autónomo e competente da criança, assente em trabalhos etnográficos e observacionais [Sarmiento 2008].

## Sujeitos e contextos do estudo

É fundamental que seja contemplada na operacionalização da questão geradora a centralidade da acção e da voz da criança na interpretação do mundo, justamente pela natureza e contextualização teórica expostas. Manuel Sarmiento [2008:14] afirma que:

a Sociologia da Infância só poderá concretizar o seu programa científico se assumir a participação da criança . . . como sujeito de conhecimento e se fizer de si própria uma verdadeira Sociologia: isto é, a ciência que busca o conhecimento dos factos sociais, “através” das e “com” as crianças.

A participação das crianças na investigação, que passaremos a clarificar, é fundamental no desenho metodológico dos estudos da criança e segundo alguns autores [Soares et al. 2005] esta questão é assumida centralmente na definição do estatuto social da infância e na sinalização das especificidades como campo científico. Aceitando o desafio de uma imaginação metodológica tentar-se-á o descentramento do papel do adulto investigador como gestor do processo para conceber a co-gestão do trabalho investigativo com as crianças. O que se objectiva fundamentalmente no presente estudo é que seja verdadeiramente valorizada a voz e a acção das crianças, partindo de um consentimento informado [Alderson 1995] das crianças participantes e considerando a utilização de uma panóplia de estratégias e recursos metodológicos originais. A criação destes recursos deverá também ter em

conta a acção das crianças numa co-avaliação do percurso, assim como prever formas efectivas de devolução da informação decorrente e conclusiva da investigação às crianças envolvidas. Situremos o processo de investigação com as crianças no “patamar da parceria” entendida sobretudo como a “forma de extensão dos seus direitos” sociais segundo a definição dada por Natália Soares [Soares 2006: 35], ou seja, um processo em que a parceria ou participação activa da criança se materializa desde logo no desenho de uma estrutura de investigação na qual se implica a criança e que continue a envolvê-la no decurso do processo de investigação, nomeadamente nos momentos de decisão ou dúvida sobre os caminhos, processos ou leitura de resultados.

A selecção das crianças participantes deverá decorrer desde logo com a implicação da opinião das próprias crianças, pois entende-se que ninguém melhor que elas próprias nos darão conta das lógicas e regulações que permeiam as relações nos grupos de crianças com quem se desenvolverá o trabalho de investigação. Às crianças seleccionadas serão transmitidas informações sobre os objectivos e dinâmica da investigação, estando o grupo apto a decidir informadamente sobre a sua participação ou não no estudo, considerando o princípio da não discriminação na inclusão ou exclusão das crianças na investigação, assistindo o seu direito à recusa ou consentimento em participar na investigação [Soares *et al.* 2005]. Esta liberdade de participação dada às crianças estruturará por si só um corpus de sujeitos, paralelamente à selecção de uma amostra que tenha em conta as especificidades de género e idade, contextos socioeconómicos e geográficos: meninos e meninas entre os 4 e os 14 anos de idade, que vivem em meio urbano e em meio rural, que brincam nas instituições e que brincam na rua, no distrito de Água Grande (ao qual pertencem 10 comunidades), província de São Tomé, no país São Tomé e Príncipe. A sua participação é voluntária e a criança terá toda a liberdade para cessar a sua participação em qualquer momento do processo.

A escolha dos contextos de observação far-se-á também pelas propostas das crianças — onde se encontram para ir brincar, quais os lugares de brincadeira, quando é que se brinca, para além dos contextos formais e institucionais de observação decididos pela investigadora — momentos de actividades livres nos jardins-de-infância, recreios das escolas de 1º ciclo e 2º ciclo.

## Técnicas de recolha e análise de dados

A pesquisa qualitativa enquadrada numa abordagem ou construção etnográfica, no âmbito do paradigma interpretativo compreensivo, fundamenta-se sobretudo pela possibilidade de contacto directo, e que se considera privilegiado, do pesquisador com as crianças, permitindo assim que sejam reconstruídos os processos e as relações que configuram a experiência quotidiana da brincadeira e do uso dos brinquedos pelas crianças. Esta aproximação revela-se profícua quando realizada através da observação participante, possibilitando a compreensão dos mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação, ao mesmo tempo em que são veiculados, e pela reelaboração de conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo pelas crianças e pelo próprio pesquisador. O uso da abordagem etnográfica fundamenta-se também pelo contacto

directo do pesquisador com os contextos reais e seus actores, permitindo que sejam (re)construídos os processos e as relações que configuram a recepção das mensagens e produtos globalizados, de que formas os recebem, interpretam, utilizam e veiculam. Colocando uma lente de aumento nas ordens sociais instituintes [Ferreira 2004b] das culturas de pares conheceremos o significado dos princípios, natureza e regras das brincadeiras e dos brinquedos utilizados, no fundo de motivos, emoções e valores institucionalizados. A principal preocupação será auscultar, pesquisar microscopicamente a realidade, procurando sempre um conhecimento mais profundo dos processos de recepção e (re)interpretação dos produtos culturais, buscando a gênese e regras das culturas da infância no intento de desvendar a ocorrência ou intensidade da globalização cultural. O recurso à observação participante visa uma aproximação entre o investigador e as crianças, mas também aos seus sistemas de representação, classificação e organização do seu universo ou dos mundos da criança. A observação participante é enquadrada neste desenho de investigação qualitativa de abordagem etnográfica e será acompanhada do registo de notas de campo nos contextos de observação. A escolha da observação participante está baseada nas potencialidades que, à partida, oferece esta técnica de recolha de dados ao permitir uma atenção ímpar aos domínios onde está envolvido o fenómeno de investigação pelo necessário “mergulhar” nos contextos. Mas a participação da investigadora e das crianças no mesmo contexto proporciona também a sondagem daquilo que é envolvente ao contexto, e que é neste estudo perspectivado como inerente ou intrínseco das condições estruturais do fenómeno e central para a sua plena (re)interpretação e compreensão: o quotidiano das brincadeiras da criança global africana. A observação participante permitirá que a investigadora se insira no grupo a ser estudado, envolva com os seus elementos em situações comuns, atingindo um clima de convivência, companheirismo e de interacção securizante, mas que não descure as distorções valorativas da investigadora e das próprias crianças. Ruth Benedict [s.d.] diz-nos a este respeito que a única forma de podermos conhecer o significado do pormenor do comportamento escolhido é vê-lo contra o fundo de motivos, emoções e valores institucionalizados nessa cultura. A observação participante surge como o meio com maiores probabilidades e potencialidades de captar as dinâmicas de cada contexto, que inclui o conhecimento pessoal e personalizado dos utilizadores, as formas de acesso à Internet por cada uma das crianças e as interacções estabelecidas entre os pares. A escolha dos dispositivos metodológicos para a recolha e (re)construção da informação pretendida deverá ponderar a prévia discussão com as crianças sobre quais as técnicas de pesquisa que elas consideram mais adequadas e aquelas com que se identificam e sentem mais à vontade. O investigador adulto deverá orientar esta discussão, tendo em conta a natureza das questões levantadas pela investigação, a especificidade daquilo que se investiga, o contexto onde decorre e a diversidade que caracteriza o grupo dos sujeitos da pesquisa, expressa em termos sociais, económicos, culturais, mas também etários e de género.

O registo de notas de campo poderá ainda ser efectivado no seio de pequenos *grupos de discussão* organizados com as crianças que assim manifestem disponibilidade, promovendo ou facilitando a discussão à volta de tópicos de conversa que serão registados em áudio ou vídeo, registo esse que deverá sempre que possível ser efectuado pelas próprias crianças, promovendo a manipulação e experiência com equipamentos de áudio, vídeo ou fotográfico. O objectivo será ler no manuseamento,

posicionamento ou perspectiva dos registos, informações mais aproximadas sobre o posicionamento do seu olhar, das representações acerca dos seus pares e daquilo que a cerca.

Natália Soares [2006:11-14] sugere também a utilização de um conjunto de materiais de estímulo, que poderão ser utilizados como elementos que facilitam ou induzem à produção de informação, sobretudo nos primeiros encontros ou sessões de observação e especialmente ponderáveis no decurso da pesquisa e interacção com as crianças mais novas. Tendo em conta as diferentes proveniências étnicas do investigador e investigados, será útil a reflexão sobre as barreiras comunicativas que podem surgir duplamente: trata-se de um estudo com crianças e essas crianças são negras, o que significa que as diferenças físicas da investigadora são facilmente percebidas.. Esta reflexão e os esforços no sentido de dissimular as diferenças e manter relações idênticas na investigação, assim como a promoção de oportunidades de interacção entre as crianças instigadas por aqueles materiais de estímulo, poderão revelar-se como preciosos momentos informativos no estudo que se pretende empreender. A vigilância sobre a eficácia, fruição dos métodos e técnicas utilizadas na investigação e as manifestações das crianças em relação a eles deverá constituir do processo de pesquisa. A estrutura deste esquema processual deverá ser tanto passível de ser modificada, quanto definitivamente rejeitada, estando estreitamente dependente das informações que no terreno se vão obtendo junto das crianças [cf. Soares 2006].

A posterior análise documental permitirá descontextualizar e re-contextualizar os dados desde a primeira interpretação a que foram sujeitos até à sua interpretação e apresentação finais. A categorização da informação não será imposta por grelhas estruturadas *a priori*, mas será um processo de construção ao longo do estudo, assumindo a devolução das notas de observação às crianças a possibilidade de confrontar pontos de vista e construir um conhecimento sustentado reflexivamente na análise das suas práticas e representações sociais. A avaliação da forma como decorrem os diversos momentos de recolha de informação, assim como a avaliação final da investigação deve igualmente considerar a voz das crianças, acreditando-se que desta forma aproximaremos os resultados da investigação ao sentido das dinâmicas manifestas e dos actores implicados.

## Ainda a questão

Finalmente, pela natureza da questão geradora e pela opção metodológica avançada, deveremos entender a participação das crianças à luz de preocupações éticas [Alderson 2000], pois considerar as crianças como pesquisadoras impõe a reflexão sobre questões éticas acrescidas. As consequências da participação das crianças na investigação devem ser objecto de profunda reflexão, balanceando os riscos e benefícios da sua inclusão e considerando seriamente sobre quem mais beneficiará com a investigação — a criança ou o investigador. A perspectiva sociológica que coloca as crianças como actores sociais promove a sua participação activa nas pesquisas respeitantes a elas e essa mesma perspectiva é corroborada pela Convenção dos Direitos da Criança<sup>3</sup>, expressa nomeadamente no direito das

•

3. Convenção dos Direitos da Criança, adoptada pela Assembleia-Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989.

crianças à participação como cidadãos activos, que incluirão também as actividades relacionadas com o processo de investigação.

De acordo com Priscila Alderson [1995], serão fundamentalmente observados cautelosamente três aspectos na presente investigação, justamente pela natureza da questão primeira (como é que a pressão financeira, pela deslocação a outro país, tensão profissional pela distância da instituição de acolhimento, constrangimentos temporais e stress causado poderão afectar a investigação e quais as questões éticas que poderão ser esquecidas); a forma como o contexto social, os valores e as políticas vigentes na sociedade ocidental afectam a investigação com crianças africanas; e como é que as diferentes origens étnicas, sociais e culturais da investigadora e crianças poderão afectar as crianças e a relação investigador/criança.

## Conclusão

Foi intenção da autora apontar os primeiros passos de uma investigação no âmbito da Sociologia da Infância, demonstrando a centralidade da natureza da questão geradora, também aqui denominada como questão primeira. Esta, colocada no âmbito dos estudos das culturas infantis, referente ao acto de brincar e aos artefactos utilizados pelas crianças africanas no seu quotidiano lúdico no contexto de um mundo globalizado. O texto ajuda também a esclarecer como a contextualização teórica da questão geradora auxilia na projecção da estrutura do design metodológico e na sua delimitação paradigmática. A partir daí é permitido avançar para a operacionalização da questão primeira: desde a identificação das informações a obter; contextos de recolha dessa informação; selecção dos instrumentos de recolha de dados e formas de audição dos sujeitos envolvidos e processos de análise dos dados, que se fundamentam na centralidade da acção e da voz da criança na interpretação do mundo. Em suma, poderemos dizer que a natureza da questão geradora (investigação sobre crianças); a contextualização teórica da questão (percepção das crianças como actores sociais); e a tipologia metodológica avançada (estudo etnográfico com crianças como parceiras na investigação) impelem finalmente para a observância de questões éticas que normalmente não são objecto de reflexão em outros domínios científicos.

Dando conta das reflexões preliminares no percurso de construção de um design metodológico em Sociologia da Infância e dos pressupostos que fundamentam a metodologia de investigação, demonstrámos que a questão (a sua natureza, contextualização e operacionalização) se afirma como elemento basilar do percurso, estruturante de um projecto e recursivo nas reflexões que deverão fazer parte de todo um processo de investigação.

## Referências bibliográficas

- ALDERSON, Priscilla  
1995: *Listening to Children. Ethics and Social Research*, Ilford: Essex: Barnados  
2005: "As Crianças como Pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa", *Educação e Sociedade*, vol. 26, nº 91, pp. 419-442

- ALMEIDA, Ana Nunes de  
2000: "A Sociologia e a Descoberta da Infância: Contextos e Identidades", *Fórum Sociológico*, nº 3/4, 2ª Série, pp.11-32
- BARRA, Marlene  
2004: *Infância e Internet. Interações na Rede*, Azeitão: Autonomia27
- BENEDICT, Ruth  
s.d.: *Padrões de Cultura*, Lisboa: Livros do Brasil
- BOGDAN, R. & S.K. BIKLEN  
1991: *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora
- BROUGÈRE, Gilles  
1995: *Brinquedo e Cultura*, São Paulo: Cortez Editora
- BUCKINGHAM, David  
2002: *Creer en la era de los medios electrónicos. Tras la muerte de la infancia*, Madrid: Morata
- CORSARO, William  
1990: "Children's peer cultures", *Annual Review of Sociology*, 16, pp. 197-220  
1997: *The Sociology of Childhood*, California: Pine Forge
- DELGADO, Ana Cristina & Fernanda MÜLLER  
2005: "Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças", *Educação e Sociedade*, vol. 26, nº 91, pp. 351-360
- DENZIN, N. K.  
1977: *Childhood Socialization*, S. Francisco: Jossey-Bass
- FERREIRA, Manuela  
2004: *A Gente aqui o que mais gosta é de brincar com os outros meninos. As relações sociais num jardim-de-infância*, Porto: Afrontamento
- GEERTZ, Clifford  
1989: *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: Guanabara
- GIDDENS, Anthony  
1998: *As Consequências da Modernidade*, Oeiras: Celta
- GRAUE, E. & D. WALSH  
2003: *Investigação etnográfica com crianças. Teorias, métodos e ética*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- ITURRA, Raul  
1997: *O Imaginário das Crianças. Os silêncios da cultura oral*, Lisboa: Fim do Século
- JAMES, Allison; JENKS, Chris & PROUT, Alan  
1998: *Theorizing Childhood*, Cambridge: Polity Press
- JENKINS, Henry (ed.)  
1998: "Childhood Innocence and Other Modern Myths" in: *The Children's Culture Reader*, New York and London: New York University Press, pp. 1-37
- LESSARD-HÉBERT et al.  
1990: *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Prática*, Lisboa: Instituto Piaget
- LÜDKE, M. & M.E.D.A. ANDRÉ  
1986: *Pesquisa em Educação. Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU Press
- MOREIRA, Amélia Frazão  
2000: "Saberes e Aprendizagens de Crianças em Meio Rural. Problematização em torno de dois contextos distintos: Rural português (região do Alto Douro) e África Ocidental (povo nalu da Guiné-Bissau)", in: *Vários Mundos Culturais e Sociais da Infância*, Braga: Universidade do Minho, vol. III, pp. 262-267
- PINTO, Graça Alves  
1998: *Trabalho Infantil no Meio Rural. De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)*, Oeiras. Celta



- PROUT, Alan  
2000: "Children's Participation: Control and Self-realisation in British Late Modernity", *Children & Society*, vol. 14, pp. 304-315
- PROUT, Alan & Allison JAMES  
1990: "A New paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, Promise and Problems", in: A. James & A. Prout (ed.) *Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary issues in the sociological study of childhood*, Londres: The Falmer Press, pp. 7-34
- QVORTRUP, Jens  
1991: "Childhood as a Social Phenomenon. An Introduction to a Series of National Reports", *Eurosocial*. Report 36/1991, Vienna: European Centre
- SANCHES, Manuela (org.)  
2005: *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte e História na Pós-Colonialidade*, Lisboa: Edições Cotovia
- SARMENTO, Manuel Jacinto  
2008: "Sociologia da Infância: Correntes e Confluências", in: M. J. Sarmento & M. C. Gouvea (org.) *Estudos da Infância*, Petrópolis: Vozes
- 2004: "As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade", in: M. J. Sarmento & A. B. Cerisara (org.) *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*, Porto: Asa
- 2003: "Imaginário e Culturas da Infância", *Cadernos de Educação*, vol. 12, nº 21, pp. 51-69
- 2001: "A Globalização e a Infância: Impactos na Condição Social e na Escolaridade", in: Garcia R. Leite (org.) *Em Defesa da Educação Infantil*, Rio de Janeiro: DP&A
- 2000a: "Os Ofícios da Criança", in: *Vários Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*, Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, vol. II, pp. 125-145
- 2000b: "Sociologia da Infância: Correntes, Problemáticas, Controvérsias. Sociedade e Cultura 2", *Cadernos do Nordeste, Série Sociologia*, vol. 13 (2), pp. 145-164
- SOARES, Natália Fernandes  
2006: "A Investigação Participativa no Grupo Social da Infância", *Currículo sem Fronteiras*, vol. 6, nº 1, pp. 25-40
- SOARES, Natália Fernandes; Manuel Jacinto SARMENTO & Almeida TOMÁS  
2005: "Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças", *Nuances*. UNESP – Presidente Prudente, vol.12, nº 13, pp. 50-64
- STEINBERG, Shirley & Joe KINCHELOE (ed.)  
1997: *Kinderculture – The Corporate Construction of Childhood*, Boulder: Westview Press
- TOMÁS, Catarina  
2006: "As Crianças como Prisioneiras do seu Tempo-Espaço. Do reflexo da Infância à reflexão sobre as crianças em contexto global", *Currículo sem Fronteiras*, vol. 6, nº 1, pp. 41-55

Recebido a: 29/Julho/2011

Enviado para avaliação: 18/Agosto/2011

Recepção da apreciação: 27/Out, 20 e 23/Novembro/2011

Recepção do artigo corrigido: 21/Dezembro/2011

Aceite para publicação: 22/Dezembro/2011

## Title

Playful lives of São Tomé and Príncipe's Children: Building a research on Sociology of Childhood.

## Abstract

In this article we realize to clarify the reasons for the choice and the way of an methodological design construction, showing how that choice is definitely related with the nature of the first question: *in the games and toys that African children use, how are reflected the premises of a globalized world or a "global kid"?* The contextualized operationalization of that question elucidates about the typology of the study to undertake and will guide the methodological design structure, since the identification of the sources, data collection contexts, selection of instruments to get that information, and forms of hearing the involved subjects, so as the data analyses processes.

## Key-words

Sociology of Childhood, research, methodology, first question.

